

## **Nicholas Kaldor: as contribuições para desenvolvimento e as críticas ao equilíbrio na economia**

**Elson Rodrigo de Souza Santos<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O artigo possui como objetivo explorar as contribuições de Nicholas Kaldor sobre desenvolvimento, enfatizando a crítica sobre a teoria de crescimento neoclássica e a ideia de equilíbrio na economia. A justificativa da escolha de Kaldor se deve a ser uma figura central na construção de uma crítica aos modelos de crescimento neoclássicos, baseados nos fatores de oferta, se colocando como fundador dos modelos estruturalistas pós-keynesianos, levantando questionamentos incorporados em modelos de crescimento endógeno. Para isso, o trabalho levanta a ideia de como a trajetória acadêmica e profissional influenciou na crítica aos modelos neoclássicos de crescimento, especialmente sobre o conceito de equilíbrio, e a busca em propor alternativas. A hipótese considera que a construção da teoria de Kaldor era buscar um realismo nas teorias de crescimento que não enxergava no rumo em que a economia, sobretudo, modelos de crescimento ortodoxos estavam tomando a partir da década de 1950s.

**Palavras-chave:** Kaldor; kaldorianos; crescimento; desenvolvimento; equilíbrio

**JEL:** B22; O11; B41

### **Nicholas Kaldor: contributions for development and objections to equilibrium economics**

### **Abstract**

**Key-world:** Kaldor; kaldorians; demand-led models; supply; development

---

<sup>1</sup>Doutorando em Economia pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: [elson129@gmail.com](mailto:elson129@gmail.com) ou [elson129@usp.br](mailto:elson129@usp.br)

## 1 Introdução

Nicholas Kaldor nasceu em Budapeste em 1908, numa família judaica de classe média, em 1925 começou seus estudos na Humboldt University em Berlin, dois anos depois desembarcou em Londres para ingressar na London School of Economics (LSE) (KING, 2009). Na Grã-Bretanha, Kaldor fixou residência, tornando-se um dos maiores economistas britânicos do século e homem público com ativa participação na política britânica, dedicando os últimos anos de vida para atacar o partido conservador e os rumos da economia convencional até sua morte em 1986. Sua personalidade, descrita por seu discípulo, Luigi Pasinetti (1983) era “(...) *it may help to explain his exuberant, egocentric, and undisciplined character* (...)” interessante para política, mas inconveniente para os meios acadêmicos, frequentemente, origem de conflitos entre seus pares. Porém, a personalidade peculiar era compensada pela capacidade de argumentação, construções teóricas e visão da dinâmica do sistema capitalista, incorporadas tanto nos modelos heterodoxos de crescimento, quando considerados nos modelos de crescimento endógeno. Segundo Thirlwall (1996, p. 145), um dos grandes biógrafos e um dos responsáveis pela formalização e extensão das contribuições de Kaldor, o considera como um dos mais brilhantes economistas teóricos e aplicados do século XX, ultrapassado apenas por John Maynard Keynes e Roy Harrod.

Na área de desenvolvimento, Kaldor se colocou como ferrenho crítico aos modelos neoclássicos de crescimento emergidos com Solow-Swan (SOLOW, 1956; SWAN, 1956). O ceticismo provinha do desdém em relação ao irrealismo do equilíbrio, no papel da oferta no crescimento de longo prazo desconsiderando as flutuações na demanda, não endogenizar as mudanças técnicas e os ganhos de escala. Em paralelo, se mostrava descontentes em relação ao pessimismo dos modelos clássicos de crescimento, tal como originados em Ricardo e Marx. A resposta de Kaldor foi tentar construir os fundamentos de uma nova abordagem sobre crescimento e desenvolvimento, considerando maior realismo e aproximação com a dinâmica capitalista pós-1945. Estes elementos foram sintetizados nos trabalhos de Kaldor (1966; 1970; e 1972), influenciados pela formação acadêmica e experiência como burocrata/consultor de questões sobre desenvolvimento, incorporando a ideia da indústria como centro dinâmico do capitalismo, a importância do papel da demanda, as mudanças técnicas provenientes dos ganhos de escala, integração comercial e, principalmente, crítica ao equilíbrio na economia como limitador e anticientífico.

A proposta do trabalho consiste em explorar as contribuições de Nicholas Kaldor para as teorias de desenvolvimento, delimitada pela necessidade de construção de uma abordagem mais realista e alternativa aos modelos neoclássicos. A justificativa pela escolha se deve ao trabalho de Kaldor ser central na tentativa de construção de um escopo teórico sobre desenvolvimento alternativo aos modelos neoclássicos, introduzindo críticas e elementos importantes, oriundos da bagagem teórica e vivência em cargos públicos. Os impactos levaram aos gêneses que deram origem aos modelos estruturalistas pós-keynesianos que se colocam como alternativas aos modelos convencional, iniciados com as formalizações extensões dos modelos de crescimento com restrição externa na década de 1970s<sup>2</sup> e formalização de causação cumulativa Kaldor-Dixon-Thirlwall<sup>3</sup>. Em paralelo, as perspectivas incorporadas na visão dos *mainstream* de *new growth theory* crescimento depender de fatores endógenos e não forças externas, emergido nos anos 1980s em substituição aos modelos neoclássicos baseados em Solow-Swan. Atualmente, as ideias de Kaldor se espraiaram por diversas vertentes ortodoxas e heterodoxas, tal como a perspectiva nova desenvolvimentista na literatura econômica brasileira com ênfase na demanda externa para viabilizar o crescimento de longo prazo<sup>4</sup>.

Para isso, o trabalho considera como hipótese que a construção da teoria de Kaldor era buscar um realismo aplicava aos modelos de crescimento em que não enxergava no rumo em que a economia, sobretudo, modelos de crescimento neoclássicos dominantes até idos dos anos 1980s. A organização da proposta consiste em três partes. A primeira apresenta uma breve biografia de Kaldor enfatizando suas particularidades na trajetória acadêmica e profissional, relevantes para compreender sua visão sobre a dinâmica do capitalismo e do desenvolvimento. A segunda desloca o foco para metodologia, especialmente sobre crítica em relação à teoria neoclássica e conceito de equilíbrio, pois reflete a estrutura teórica que incorporada aos modelos de desenvolvimento e as extensões realizadas por outros autores. A terceira e última aborda quais os principais elementos que fazem parte da abordagem kaldoriana do funcionamento da economia capitalista, constituindo o grande legado que passa a ser trabalho, estendido e discutido pelos autores posteriores.

---

2Ver McCombie e Thirlwall (1994)

3 Ver Dixon e Thirlwall (1975)

4 Ver Oreiro (2014)

## 2 Nicholas Kaldor

A pergunta inicial sobre Nickolas Kaldor é como esse húngaro de família judia de classe média, radicado na Grã-Bretanha no entre guerras, conseguiu se tornar uma figura impar na economia e na vida pública britânica ao longo do século XX. A importância verificada nas diversas biografias (King, 2009; Targetti, 1992; Thirlwall, 1987), discussão sobre as contribuições e obras (Pasinetti, 1983), aspectos metodológicos filosóficos (Setterfield, 1998; Boylan e O’Gorman, 1997). Além de trabalhos sobre vida e obra, discussão sobre modelos e contribuições que de alguma forma aparecem em discussões contemporâneas na literatura econômica. O indicativo da resposta provém de Kaldor ser um economista e homem público com uma obra destacada, capaz de pensar de forma ampla e se metamorfosear ao longo do tempo. Esta característica permitiu se afastar do equilíbrio walrasiano e pareiano, preservando e reciclando elementos presentes na economia marshalliana, estendendo e ampliando a “teoria geral” de Keynes, concentrado em uma posição crítica sobre a trajetória de irrealismo na economia que observava na teoria neoclássica dominante pós-1945.

O primeiro passo para compreender a lógica do pensamento de Kaldor está em explorar o despertar do interesse pela economia. Na infância, perdeu os irmãos cedo, levando a ter privilégios dentro de uma família de classe média judaica e próspera de Budapeste, Hungria. Segundo Luigi Pasinetti (1983), este elemento foi importante para influenciar na personalidade de Kaldor de exuberância, egocentrismo e indisciplina que manteve ao longo da vida, despertando inimizades e admiração. O interesse pela economia foi desertado pela hiperinflação alemã, percebida pelo jovem Kaldor durante o passeio da família nos Alpes da Bavária em 1923. Nesse período, teve contado com o livro de Keynes que criticava os termos do Acordo de Paz de Versalhes “*The economic consequences of the peace*” (Thirlwall, 1996, p. 150), ao qual colocava fim à Primeira Guerra Mundial (1914-18), mas os termos incitavam a humilhação alemã e destruição dos mecanismos de integração econômica europeia. Enquanto estava prestes a se formar Model Gymnasium de Budapeste<sup>5</sup>, os problemas econômicos europeus influenciaram sobre os rumos que tomariam na vida profissional e acadêmica, levando a persuadir seu

---

<sup>5</sup>O colégio contou uma constelação de grandes intelectuais, tais como Michael Polanyi, Edward Teller, Leo Szillard, Theo von Karman, Nicholas Kurti e Thomas Balogh.

pai para permitir que estudasse economia na Humboldt University em Berlim (King, 2009, p. 3-4).

No breve período que passou em Berlim (1925-27), Kaldor ficou impressionado com a qualidade dos professores, mas percebeu que era necessário novos ares para prosseguir os estudos em economia, tendo como destino a Grã-Bretanha. Em 1927, Kaldor se muda para Londres e ingressa na London School of Economics (LSE) como estudante universitário. Em paralelo, passou a contribuir como correspondente de assuntos econômicos para os jornais húngaros, *Magyar Hirlap*, também para *Pester Lloyd* e artigos para *London General Press* que eram publicados e encaminhados para diversos países (Thirlwall, 1996, p. 151). Na LSE, Kaldor atentou as leituras de Hugh Dalton, John Hicks e outros sob a supervisão do historiador econômico Eileen Power. O desempenho medíocre dos primeiros anos foi surpreendentemente seguido por uma transformação com o contato com Allyn Young, americano professor de Harvard, Lionel Robbins e o jovem Maurice Allen. O resultado foi Kaldor ter se formado com honras em 1930, considerado o pupilo favorito de Robbins.

Uma influência importante foi de John Hicks em que se tornaram amigos próximos, com Hicks tendo os primeiros contatos com as noções de equilíbrio de Walras e Pareto, também lendo o original de Gunnar Myrdal sobre equilíbrio monetários de 1933. Em paralelo, em 1932 foi indicado por Robbins como professor assistente na LSE, iniciando assim sua vida acadêmica. Ironicamente, no decorrer da década de 1930, Robbins tornou-se paulatinamente um adversário, acentuado com a revolução keynesiana e novos rumos da economia tomavam (Thirlwall, 1996, p. 152-153). Na LSE, Kaldor desenvolveu pesquisas sobre teoria de custos (ou teoria da produção), comércio internacional, teoria e prática de tarifas, dinâmica econômica, capital e taxas de juros, finanças públicas e comércio internacional.

Durante os anos 1930s, ocorreu a consolidação de Kaldor como economista acadêmico, não como participante direto da revolução keynesiana e se mantendo distante do grupo de Cambridge. Entre os anos de 1935-36, viajou aos Estados Unidos para encontros com a elite da academia norte-americana, tal como Joseph Schumpeter, Edward Chamberlain, Jacob Viner, Henry Simons e Irving Fisher (Thirlwall, 1996, p. 155-159). A produção acadêmica de Kaldor nos anos 1930s mantinha o foco na microeconomia, se distanciando cada vez mais de uma economia convencional, mas se aproximando da necessidade de construir modelos e teorias adequadas à nova realidade

da economia e da sociedade do entre guerras, introduzindo questões de competição e bem estar.

A Teoria geral de Keynes e a revolução keynesiana não passaram ao largo dos interesses de Kaldor, tanto que se aproximou do grupo de Cambridge após duas grandes contribuições. A primeira relacionada ao ataque à Pigout, ao qual converte o modelo para uma estrutura keynesiana, uma vitória notável baseada na reconstrução de um modelo. Ao mesmo tempo em que representou um indicativo da transformação do debate econômico de verbal para embates baseados em modelos. O segundo de generalizar a Teoria Geral com explicação do por que é o produto e não os preços (taxa de juros) que ajustam a poupança para investimento, que se tornou uma base para escola pós-keynesiana (Thirlwall, 1996, p. 160).

A eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-45) impactou em dois aspectos sobre a trajetória de Kaldor, conhecido nos círculos britânicos como parte de uma elite intelectual e com séries de trabalhos respeitados. O primeiro que LSE foi evacuada para Peterhouse Cambridge, quando os economistas da LSE são colocados em contato direto com os economistas de Cambridge e discípulos que ajudaram na construção da revolução keynesiana: Joan Robinson; Richard Kahn; e Piero Sraffa. O segundo foi o descolamento dos esforços para economia aplicada devido às demandas de planejamento da guerra e a nova organização que emergia com a paz. (Thirlwall, 1996, p. 163). No pós-guerra, Kaldor passa a ocupar cargos burocráticos e chaves na estrutura de planejamento como: conselheiro Air Ministry and Ministry of Supply; assistente British Bombing Survey Unit; conselheiro do governo húngaro no Three Year Plan; consultor de Jean Monnet para French Commissariat General du Plan; diretor do Research and Planning Division novo Economic Commission for Europe (ECE).

Em 1952, Kaldor foi para Cambridge como “*reader*” e elevado a “*chair*” com Joan Robinson em 1966, retornando a ter como prioridade à pesquisa acadêmica e atividades políticas, sem se envolver maior envolvimento na administração da faculdade (Thirlwall, 1996, p. 1667-168). Em paralelo, se tornou um especialista e conselheiro sobre temas de política fiscal para governo britânico ao participar da Royal Commission ao An Expenditure Tax (1955), passando a auxiliar países em desenvolvimento como Ceilão (1958), México (1960), Gana (1961), Guiana britânica (1961), Turquia (1962), Irã (1966) e Venezuela (1976). Obviamente, as propostas de reformas e reestruturação dos sistemas tributários locais frequentemente eram mal recebidas, frente á se opor aos

interesses de elites locais, especialmente pela influencia política de centro-esquerda ou socialdemocrata europeia, refletida em defender uma taxaço progressiva para evitar uma violenta revoluço.

Nos anos 1950s, quando começa a ter maior contato com os problemas dos países periféricos e da reconstruço europeia, o debate sobre desenvolvimento e crescimento ganha força na sua obra. Outra motivaço, ressaltado por Thirlwall (1996, p. 172-74), estava na decepço em relaço às teorias neoclássicas de crescimento e distribuço com ênfase no equilíbrio, condições de oferta, competiço perfeita e retornos constantes de escala, externalidade das transformaço técnicas. Por outro lado, estava infeliz em relaço ao pessimismo dos modelos “clássicos” de desenvolvimento de Ricardo, Mill e Marx que eram demonstravam tendências pessimistas sobre o futuro do capitalismo. Para Kaldor ambas as visões não condiziam com a dinâmica do capitalismo da época, pecavam pelo irrealismo e falta de uma resposta adequada para á necessidade dos países emergentes<sup>6</sup>.

Nos anos 1960s, Kaldor passou a participar ativamente como consultor e grande nome do Labour Party, especialmente nas gestões de 1964-70 e 1974-79, sobre o comando de Harold Wilson, seguido por James Callaghan. A escolha era técnica devido a grande experiência em relaço a posiço burocráticas, economia aplicada e contribuiço teóricas. Nesse período, o grande problema da Grã-Bretanha é a estagnaço da economia, perda da competitividade das indústrias, desindustrializaço e restriço no balanço de pagamentos. Estes temas seriam recorrentes nos debates envolvendo Kaldor, trabalhos e extensões em relaço aos modelos de crescimento com restriço externa (ver McCombie e Thirlwall, 1994). Em 1979, o partido trabalhista foi derrotado pelo conservador liderado por Margaret Tatcher. A reaço de Kaldor foi se colocar como crítico da política e da economia baseada no monetarismo trazido pelo partido conservador.

---

<sup>6</sup> A discussão sobre desenvolvimento será realizada com maior precisão nas seçoês três e quatro.

A trajetória de Kaldor na academia e contribuições para economia esteve fortemente relacionados às necessidades do ambiente e busca por construir uma visão original do ambiente em quatro fases caracterizadas por preocupações diferentes. O primeiro ponto foi o interesse por economia despertado nos anos 1920, motivado pelo grande problema da época que era a hiperinflação alemã, indiretamente relacionada ao acordo de paz de Versalhes e destruição dos mecanismos de integração europeia. O segundo foi à formação econômica na LSE e subsequente contato com os grandes economistas ingleses da época, especialmente o contato com o conceito de equilíbrio, comércio internacional e ciclo de negócio. Aos poucos migrou de uma visão ortodoxa para participar da revolução keynesiana e participar das grandes discussões macroeconômicas sobre taxaço, política monetária e desenvolvimento, marcantes no resto da sua vida, coroado pelo estágio forçado na Cambridge durante a guerra e contato com Keynes e seus pupilos. O terceiro foi ocupar cargos relacionados ao planejamento e reconstrução da economia pós-guerra, evoluindo para preocupação com a taxaço e desenvolvimento. O quarto e último, se colocar contra a ortodoxia baseado no equilíbrio nos anos a partido dos anos 1960, passando a criticar a teoria do desenvolvimento neoclássica, como o monetarismo. Esta fase complementada pela participação política e forte oposição no parlamento britânico, representando o partido trabalhista, contra a onda conservadora comanda por Thatcher.

Na reflexão sobre as suas contribuições e trajetória, Kaldor (1986) encerra o artigo publicado pela Banca de Nazionalie del lavro destacando ser contra as reformas que tentavam retornar ao modelo de livre mercado, acentuadas na Grã-Bretanha de Thatcher e estados unidos de Reagan, no que se chamariam mais tarde do cerne do neoliberalismo. A saída vista por ela que o mundo precisa de mais planejamento e mais regulação, bem como melhor distribuição de renda com maior comércio internacional e regional. Na época, se colocava contra as emergentes da revolução da economia novo clássica, chamada na época de novos monetaristas, a proliferação da noção de equilíbrio nas áreas micro e macro econômico. Não era uma posição fortemente ideologizada, mas sim fruto de uma longa experiência teórica, economia aplicada e cargos burocráticos, pois estava vendo a economia em busca do realismo que não conseguia enxergar nos rumos que a economia do ministrem estava tomando.

### 3 Metodologia e crítica ao equilíbrio

Na trajetória de Kaldor, a preocupação com metodologia e filosofia da ciência não era uma prioridade na construção da sua obra contribuições, mas que emergiram como relevantes quando foi defrontada com a necessidade de desconstruir a economia ortodoxa dominada pela ideia de equilíbrio. Uma característica presente em Kaldor e em outros professores da LSE que demonstravam pouco interesse pela filosofia da ciência, mas sim por resolver problemas proeminentes da economia. A partir disso é possível retirar duas conclusões. A primeira que Kaldor era essencialmente um “*self-taught*” em metodologia, fruto da prática e da resolução de grandes questões da economia. A segunda de que a importância da metodologia emergida nos anos 1960 e 1970s foi resultado da necessidade de desconstruir a ortodoxia (King, 2009, p. 168-69). Os esforços de Kaldor tinham como foco atacar o conceito de equilíbrio presente na teoria neoclássica, considerado por Thirlwall (1987) como um dos mais importantes legados.

Na esfera do desenvolvimento, a crítica kaldoriana ao equilíbrio constitui um elo que relaciona a visão sobre a dinâmica do capitalismo, especialmente em dois aspectos. Um diz respeito à necessidade de incorporar o “*circular and cumulative causation (CCC)*” em que as variáveis são correlacionadas e criam complexas interações, criando *feedbacks* e levando a economia para de não equilíbrio (Setterfield, 1997). Outro de endogenizar o progresso técnico utilizando para isso as contribuições do Smith-Young, inspirado fortemente no seu ex-professor da LSE Allyn Young<sup>7</sup>, que fornece a base para traçar uma relação entre especialização do trabalho, ganhos de escala e transformação tecnológica.

O artigo relevante que revela a rejeição de Kaldor sobre o equilíbrio presente na teoria neoclássica está no argumento de 1972 “*the irrelevance of equilibrium economics*”. As críticas presentes no artigo não são isolada, mas sim estavam presentes de alguma forma em todos os trabalhos e debates em que Kaldor com a diferença é que a crítica se mostra explícita contra o equilíbrio. Ao mesmo tempo em que demonstrava o

---

<sup>7</sup>Young (1928) ao generalizar e estender o conceito de Adam Smith de especialização do trabalho, ganhos de escala e mudança técnica serviu como base para as primeiras ondas de autores sobre desenvolvimento como Rosenstein-Rodan, resgatado por Nicholas Kaldor e “redescoberto” nos modelos de crescimento endógeno.

endurecimento das críticas em relação à teoria ortodoxa, verificada anteriormente em 1970 pelo ataque ao *new monetarismo*, então escola neoclássica que emergia (ver Kaldor, 1970b).

No artigo de 1972, Kaldor coloca o equilíbrio como inútil e uma barreira ao desenvolvimento da ciência, nas suas palavras “(...) *has become a major obstacle to the development of economics as a Science* (...)” (Kaldor, 1970, p. 1237). O motivo reside em não dizer nada sobre como as forças econômicas operaram e potencialmente influir erroneamente no corpo de políticas econômicas. A noção de equilíbrio criticada por Kaldor é a específica relacionada ao equilíbrio geral formulado por Walras, e desenvolvimento com crescente elegância, lógica e precisão pelos economistas matemáticos, tais como Debreu (um dos fundadores da noção moderna de equilíbrio). Por considerar teoricamente que existe um equilíbrio e pode ser encontrado dentro do modelo. Sem verificar o realismo do objeto, pressupostos e dos resultados.

Ao analisar a estrutura do artigo de 1972, as críticas de Kaldor se tornam mais claras. O primeiro item denominado “*axiomatic theory and scientific hypothesis*” coloca em pauta o irrealismo dos pressupostos. O axioma dos mercados perfeitos para criticar o irrealismo do modelo. Mesmo assim, considerado pelos economistas neoclássicos como uma explicação plausível de como a economia funciona. O resultado é a aceitação de “ideias loucas” que não funcionam na realidade. É importante ressaltar que a crítica não está no uso da estrutura formalizada como erroneamente pode se pensar, mas sim no uso de axiomas que não refletem a realidade, traduzidas na construção de teorias e busca de resultados irreais. Assim, comprometendo a economia como ciência e a capacidade dos economistas de contribuírem para a sociedade.

O segundo ponto abordado no artigo na seção “*where economic theory went wrong*” em que Kaldor atribui ao descaminho da economia contemporâneo a fixação pela teoria do valor. Para isso, recobra Adam Smith e a teoria do valor, argumentando que existe de certa forma um avanço no desenvolvimento teórico a respeito passando por Ricardo, Walras, Marshall, Debreu até os dias atuais. Coloca a escola neoclássica como presente em uma construção baseada nas funções homogêneas e lineares de produção, requerendo axiomas necessários para perfeita competição e maximização de lucros. A falha é ignorar ou minimizar o papel da economia de escala e mudanças técnicas. Cabe ressaltar que Kaldor está observando a teoria neoclássica da década de 1960 e 1970s, especialmente em relação aos monetaristas (antigos de Friedman e novos de Lucas e Sargent) e teorias de crescimento baseadas no modelo de Solow-Swan.

A partir da terceira parte do artigo, Kaldor passa a defender as ideias básicas sobre a dinâmica da economia capitalista e os motivos que as tornam mais factíveis do que os anteriores. Estes elementos particularmente válidos dentro nos modelos relacionados ao desenvolvimento, encontrados nos trabalhos de Kaldor e modelos que possuem alguma inspiração. Na seção denominada “*the dominating role of increasing returns*” possui como foco ressaltar a importância da economia de escala que precisam ser consideradas na construção dos axiomas. Porém, deixa claro que não é uma nova construção ou ignorado pela teoria econômica, estando presente na obra de Adam Smith riqueza das nações, mas tarde trabalho por Allyn Young. As implicações permitem extensões como *learn by doing* e economia de escopo Um estrutura que diz que a ideia da existência de um equilíbrio geral leva a crer que a economia está presa em um *set* de operações possíveis, sendo incapaz de absorver ou aceitar mudanças nos gostos dos consumidores, funções de produção. A economia se move para um equilíbrio sem a explicação do motivo.

O quarto ponto denominado “*the theorem of endogenous and cumulative change*” em que parte do modelo Smith-Young para explicar os efeitos cumulativos e consequências sobre a economia, constituindo uma forma da economia se afastar do equilíbrio e criar uma dinâmica que não se encaixa em um modelo baseado no equilíbrio geral.

O quinto ponto chamado “*the role of demand and the two kinds of “induced investment”*” que ataca o fundamento da teoria neoclássica de crescimento que é se basear nas condições de oferta como fundamentais para o crescimento de longo prazo, ignorando o papel das flutuações de demanda. O foco da crítica é que no estado de equilíbrio a oferta e demanda se igualam, enquanto o desequilíbrio deixa de ser relevante por ser uma exceção e, portanto, a economia tende a voltar ao equilíbrio com os ajustes ao longo do tempo. Sobre este aspecto, Kaldor explora por que a demanda constitui um papel relevante para alavancar o investimento, provocando maior escala e acelerando as transformações técnicas. Isto é, a oferta não está descolada da demanda. Além disso, a demanda constitui o principal drive para elevação do investimento e, por consequência, da capacidade produtiva e do avanço técnico. Não quer dizer que as condições de oferta sejam irrelevantes, mas sim que são endogenizadas dentro do modelo e respondem as flutuações da demanda.

#### 4 Contribuições para desenvolvimento

O propósito da seção é discutir a visão de Kaldor sobre o desenvolvimento, tomando como base e exposição e organização o modelo à proposta exposta por Targetti (2005), buscando identificar os elementos presentes na metodologia e principais ideias sobre a dinâmica do capitalismo. Os modelos de inspiração kaldoriana de crescimento incorporaram esses elementos para estrutura de análise, identificação das deficiências e proposta de políticas. Os dois aspectos fundamentais estão no funcionamento e na estrutura de políticas.

Sobre funcionamento da economia, residem quatro aspectos. O primeiro consiste na existência de retornos de escala no setor de manufatura, intimamente relacionado à estrutura de especialização de trabalho e progresso técnico presente no modelo Smith-Young. Um elemento indissociável do funcionamento da economia e necessário para identificar o realismo da indústria moderna. O segundo o papel da demanda em puxar a o funcionamento da economia. Uma vez que os fatores de oferta foram endogenizados, a demanda acaba por ser responsável por estabelecer um ciclo positivo (ou negativo) da economia ao longo do tempo. O terceiro que o avanço técnico da indústria gera tecnologia e ganhos de produtividade que se espriam pelas outras áreas da economia, as transformando como na agricultura. Nesse sentido, a agricultura possui ganhos de produtividade ao assimilar as tecnologias e bens produtivos na industrial, deixando de ser uma restrição ao prender trabalhadores de baixa qualificação e técnicas de baixa produtividade. A quarta a relação entre mercado interno e externo em que a construção da integração com o mercado internacional assume a função de elevar a escala de produção e, como consequência, acelerar o avanço técnico e crescimento da produtividade e eficiência.

De forma complementar, existem as propostas de escopo de políticas que os países em desenvolvimento deveriam atentar para garantir a trajetória de crescimento e desenvolvimento de longo prazo, especialmente pinçadas entre as décadas de 1960, 1970 e 1980s. A primeira que a indústria é considerada fundamental para que o país possa se desenvolver por ser o centro dinâmico da economia. O argumento de Kaldor se baseia em dois fundamentos. O primeiro que antes da revolução industrial na metade do século XVIII existiam poucas diferenças de renda e renda per capital entre as regiões e

países ou mesmo na taxa de crescimento. Outra evidência diz respeito que a manufatura é importante para o crescimento em todos os períodos, incapaz de ser substituída por serviços e finanças, pois não seriam capazes de sustentar o crescimento de longo prazo. Nessa linha, busca explicar os motivos que levavam a estagnação da economia britânica pós-guerra, defendendo que tinha como principal motivo uma desindustrialização.

O segundo baseada na revolução agrícola que inclui o uso de tecnologia e ganhos de produtividade, liberando contingente de população, elevando a renda que permanecem no campo e garantindo o suprimento de alimentos para população. A segunda lei é de Kaldor–Verddorns que permite explicar a primeira lei em que se baseia na ideia de que quanto maior o produto do setor manufatureiro, maior a produtividade dos outros fatores. Assim, a lei defende uma relação entre a produtividade e o crescimento do produto da manufatura. Isso se deve á três razões externas. A primeira o crescimento da manufatura fornece bens de capital, combinados com avanços técnicos, que servem de insumos para outros setores. O segundo que o crescimento do produto e manufatura reduz o emprego na agricultura, mas não o produto devido aos ganhos de produtividade.

O terceiro que as manufaturas promovem grande fluxo de distribuição por trabalhador do setor. As razões internas providenciam ganhos estáticos e dinâmicos de estaca-la, levando á mudanças técnicas, maior investimento e novos produtos e indústrias, baseado nas contribuições de Smith-Young.

O quarto e último que as políticas protecionistas temporárias são importantes para criar condições que a indústria nacional nascente se integre a estrutura produtiva internacional. A rejeição para proteções permanentes se deve a potencial perda de escala e pressões competitivas, criando ineficiências com prejuízos ao bem estar da sociedade. Por fim, a necessidade do crescimento puxado pelas exportações (*export-led*), especialmente para os países em desenvolvimento. Isso se deve a necessidade de superar a restrição externa e escassez de reserva em moeda conversível, onde os recursos podem ser obtidos com o fluxo de exportações e integração com a economia mundial, sobretudo, utilizando manufaturas. Outro fator é acentuar e acelerar o processo de ganho de escala e transformação técnica na indústria, criando assim pressões por elevação da eficiência, maior investimento e acúmulo de capital.

Targetti (2005) ressalta que as ideias implícitas e explícitas sobre desenvolvimento e industrialização de Kaldor antecipavam preocupações modernas, tal como a possibilidade do país escapar da trajetória de industrialização e crescimento devido às particularidades institucionais. Levando a ser incapaz de se integrar aos mercados internacionais e reduzir o gap de renda com os países desenvolvimento. A principal razão estariam nos erros de políticas implementadas pelos governos nacionais e instituições internacionais.

Os modelos kaldorianos são muito mais ricos do que apenas verem no crescimento da demanda como causa mais importante e, na visão radical, única para criar as condições para crescimento de longo prazo. Implícita ou explicitamente, Kaldor trás para a discussão de necessidade de reformas na agricultura, estrutura da burocracia estatal, melhora do sistema tributário, política setoriais, construção da infraestrutura física e capital humano, as particularidades institucionais locais. Isso provém dos modelos e observações de um autor que teve uma ampla vivencia na burocracia e problemas de desenvolvimento, conhecendo os problemas e resistência para construção de uma burocracia favorável ao desenvolvimento, especialmente quando as elites ou grupos diversos se veem ameaçados pelas reformas. Além de serem complementados por sofisticadas estruturas teóricas conhecidas na economia para se aproximar a dinâmica do capitalismo. Em última instância, o objetivo do escopo teórico kaldoriano está na busca de maior eficiência, produtividade e acumulo de capital, revertido em maior consumo e bem estar para sociedade.

## **Considerações finais**

O trabalho teve como objetivo explorar o pensamento de Nicholas Kaldor sobre a economia, enfatizando as contribuições para o desenvolvimento centrado na crítica aos modelos neoclássicos e o conceito de equilíbrio. A hipótese que orientou essa breve exploração foi que Kaldor era buscava o realismo para explicar a dinâmica do capitalismo contemporâneo. Uma característica que não identifica nos modelos neoclássicos de crescimento baseados no conceito de equilíbrio, ênfase na oferta e não explicação dos mecanismos de geração de tecnologia e mudança técnica ou mesmos ganhos de escalo. No outro extremo, o descontentamento dos modelos clássicos de crescimento, especialmente de inspiração marxista que se mostravam extremamente pessimistas.

A frustração de Kaldor levou a criar um escopo de discussões para mostrar alternativas que deram origem aos modelos estruturalistas heterodoxos pós-keynesianos, aproveitados nos novos modelos de crescimento endógeno que internalizavam as mudanças técnicas. As críticas em grande parte era resgatadas da economia marshallina (modelo Smith-Young, por exemplo), discussões sobre comércio internacional, taxaço e ciclo de negócios que tinha trabalhado nos anos 1930s enquanto construía sua carreira acadêmica, a importância do papel da demanda na trajetória da economia, modelos de causação cumulativa. Além disso, uma elevada experiência como consultor e burocrata em grandes questões de desenvolvimento pós-1945, capaz de verificar a complexidade da economia, sociedade e a inadequação da teoria neoclássica. Por não ser uma teoria fechada, buscar uma forte aderência á realidade com conceitos conhecidos e respeitados na economia anteriores a revolução keynesianas, os insights de Kaldor sobreviveram ao tempo.

## Bibliografia

- BOYLAN, T. A.; O'GORMAN, P. Kaldor on method: a challenger to contemporary methodology. **Cambridge Journal of Economic**, v. 21, p. 503-17, 1997.
- DIXON, R.; THIRLWALL, A. P. A model of regional growth-rate differences on kaldorian lines. **Oxford Economic Papers**, v. 27, n. 2, p. 201-214, 1975.
- KALDOR, N. **Causes of the slow rate of economic growth of the United Kingdom: an inaugural lecture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- KALDOR, N. New monetarism. **Lloyds Bank Review**, 1970b.
- KALDOR, N. Recollections of an economist. **Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review**, v. 39, n. 456, p. 3-26, março 1986.
- KALDOR, N. The Case for Regional Policies. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 17, p. 337-348.
- KALDOR, N. The Irrelevance of Equilibrium Economics. **The Economic Journal**, v. 82, p. 1237-1255.
- KING, J. E. **Nicholas Kaldor**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.
- MCCOMBIE, J. S. L.; THIRLWALL, A. P. **Economic growth and the balance-of-payments constraint**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1994.
- OREIRO, J. L. **Muito além do tripé proposta de um novo regime de política macroeconômica para dobrar a renda per-capita em 20 anos**. Indústria e desenvolvimento produtivo no Brasil: qual deve ser a estratégia do governo 2015-18? São Paulo: [s.n.]. 2014.
- PASINETTI, L. L. Nicholas Kaldor: a few personal notes. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 5, n. 3, p. 333-40.
- SETTERFIELD, M. History versus equilibrium and the theory of economic. **Cambridge Journal of Economics**, v. 21, n. 3, p. 365-78.
- SETTERFIELD, M. History versus equilibrium: Nicholas Kaldor on historical times and economic theory. **Cambridge Journal of Economics**, v. 22, p. 521-67.
- SOLOW, R. M. A Contribution to the Theory of Economic Growth. **Quarterly Journal of Economics**, v. 70, n. 1, p. 65-94, 1956.
- SWAN, T. W. Economic Growth and Capital Accumulation. **Economic Record**, v. 32, n. 2, p. 334-361, 1956.
- TARGETTI, F. **Nicholas Kaldor: the economics and politics of capitalism as a dynamic system**. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- TARGETTI, F. Nicholas Kaldor: key contributions to development economics. **Development and Change**, Oxford, v. 35, n. 6, p. 1185-99, 2005.
- THIRLWALL, A. P. **Nicholas Kaldor**. Brighton: Harvester, 1987.
- THIRLWALL, A. P. Nicholas Kaldor, a biography. In: FILIPPINI, C.; TARGETTI, F.; THIRLWALL, A. P. **Causes of growth and stagnation in the world economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 145-219.

YOUNG, A. increasing returns and economic progress. **The Economic Journal**, v. 38, n. 152, p. 527-542, dezembro 1928.